

Como eu estraguei a Web

Uma pequena experiência divertida sobre o uso da inclusão digital em Letras

LOYS BONOD*

[Tradução: Celuy Roberta Hunzdinski]

Resumo

Este texto descreve a experiência pedagógica de um professor de uma escola de segundo grau, em Paris, que, para provar a dependência do pensamento à inclusão digital, preparou uma armadilha a seus alunos. Ele publicou em diferentes sites (Wikipédia, entre outros) comentários – verdadeiros e falsos – sobre um poema relativamente raro, em seguida, pediu um trabalho aos seus alunos. O objetivo era de demonstrar aos próprios alunos que eles não são suficientemente maduros para analisar, de maneira adequada, todo o conteúdo da internet, pois sua curiosidade, seleção e julgamento são muito restritos.

Palavras-chave: Pedagogia; Web; Inclusão digital



* **LOYS BONOD** é professor de Letras Clássicas no Liceu Chaptal, em Paris, com experiência em vários colégios desvalorizados da periferia parisiense, entre outros. Enquanto *geek* e *tecnófilo*, é tocado pelo pensamento mágico que envolve a chegada da inclusão digital e deseja, ansiosamente, que prevaleça uma verdadeira reflexão, no ensino, sobre o distanciamento ocasionado pela internet no que diz respeito à cultura, à reflexão, ao espírito crítico e, finalmente, à moralidade.

Publicado em 21 de março de 2012, LA VIE MODERNE.NET, disponível em <http://www.laviemoderne.net/lames-de-fond/009-comment-j-ai-pourri-le-web.html>

Preâmbulo

Durante meu primeiro ano no ensino de segundo grau, pedi aos meus alunos, como dever para casa, uma dissertação. Com as férias escolares, eles tinham quase um mês para redigirem : era a primeira dissertação do ano.

Dúvida... Será que eu passarei meu sábado fazendo isso, ou comprarei uma dissertação pronta na internet?



LAVIEMODERNE.NET

Mais tarde, quando corriji, percebi que expressões sintaxicamente obscuras eram repetidas, identicamente, em vários textos. Lançando-as no Google, encontrei trabalhos prontos sobre um assunto de dissertação próximo, vendidos a 1,99 euros. Estupefato, parei, imediatamente, de corrigir os deveres, pois não sabia mais para quem ou para quê eu estava corrigindo, tendo a impressão de trabalhar para nada.

Posteriormente, no mesmo ano, dei um prova, sem consultas, a uma de minhas turmas, pedindo um comentário de texto sobre uma passagem de uma obra clássica. Fiz questão de não controlar a prova, considerando que o comentário, bem como a dissertação ou o tema de invenção, era um bom exemplo de exercício pessoal em que copiar de alguém não faz, absolutamente, nenhum

sentido. Em casa, corrigindo os escritos, constatei, em um deles, coisas estranhas: termos ou expressões que alunos do segundo ano não empregam, introdução catastrófica, mas um desenvolvimento textual conveniente. Colocando uma das expressões no Google, compreendi que um aluno tinha utilizado o smartphone durante o curso e recopiado o primeiro texto corrigido que apareceu no site tentando, desajeitadamente, maquiá-lo. Entregando-lhes os trabalhos, mantive um discurso severo sem indicar quem tinha colado. Após o fim da aula, o aluno em questão reconheceu, aos prantos, ter sido ele.

A partir disto, resolvi realizar uma pequena experiência pedagógica no ano seguinte : eu infestei a Web!

Armando a rede...

La pelo final desse mesmo ano, eu exumei de minha biblioteca um poema barroco do século XVII, não encontrado, ou quase, na Web. O autor é Charles de Vion d'Alibray. A data da composição do poema é desconhecida, o que impede qualquer especulação biográfica.

SONNET

*Ainsi que l'arc-en-ciel tout
regorgeant de pleurs
Prend devant le soleil cent couleurs
incertaines,
Et périt quand se cache ou s'en va
luire ailleurs
Cet astre dont le feu rend fertiles
nos plaines ;*

*Tout de même à l'aspect du sujet de
mes peines,
Je prends en un instant cent
diverses couleurs,
Je pâlis, je rougis sous l'effort des
douleurs,
Et de l'eau de mes pleurs sens
regorger mes veines.*

*Mais ni de voir en moi ce triste
changement,
Ni de savoir combien j'aime
fidèlement,
Ne touche mon ingrate ou d'amour
ou de honte ;*

*Tant s'en faut, elle rit de me voir
endurer,
Et pour en rendre même encor ma
fin plus prompte,
Elle fuit et s'en va d'autres lieux
éclairer.*

1º passo: criei uma conta para me tornar contribuinte na Wikipédia e, para conseguir créditos, contribuí de maneira útil com alguns artigos literários. Em seguida, modifiquei a suscitíssima biografia da Wikipédia consagrada a

Charles de Vion d'Alibray, incluindo esta pequena nota: “*Seu celebre e infeliz amor pela senhorita de Beaunais dá, à sua poesia, a partir de 1636, um delinear mais lírico e mais sombrio.*”

2º passo: postei, em diferentes fóruns, questões relativas a este poema, fazendo-me passar por um aluno que queria saber sobre a compreensão literária ou interpretação do poema. Depois, me reconectando, fiz-me passar por um erudito, dei respostas com aparências sábias e bem estruturadas, mas, na realidade, totalmente ineptas do tipo interpretação crítica daquelas que por pouco não “viajam na maionese”. Infelizmente, a maioria dessas páginas desapareceu nos abismos da Web ou não estão mais indexadas nos motores de pesquisa.

3º passo: redigi um pseudo-comentário, o mais lamentável possível, com todos os erros imagináveis para um aluno de segundo ano, e até com alguns erros de ortografia discretos, cuidando para que esse comentário tivesse ar convincente para alguém não muito atento ou não muito competente. Para os amadores de literatura ou professores de letras, esse texto absurdo é, aliás, muito engraçado. Admito ter tido, eu mesmo, um certo prazer em redigi-lo.

Introdução

Com esse texto, Charles de Vion D'alibray (ou d'Alibray), grande autor do século VII que vem de uma família nobre, nos dá, nesse estilo inimitável cujo qual ele guarda segredo, um soneto de corte quase romântico, cheio de graça e preciosidade, em homenagem a uma jovem mulher que conheceu em Tours, Anne de Beaunais, e da qual ficou ardentemente enamorado. Nesse soneto, o poeta descreve o arco-íris e suas cem cores

majestosas e faz, através dele, a descrição de sua bem-amada. Como problemática, mostraremos que esse soneto de corte é original enquanto estudamos dois grandes eixos: a composição típica do soneto francês opondo-se à sua estética profundamente barroca.

I. Uma composição típica de soneto francês

a) A estrutura das rimas

☐ maneira italiana, Charles de Vion alterna sabiamente as rimas masculinas e femininas. Nas quatro quadras, as rimas são, primeiramente, cruzadas e em seguida abraçadas, o que indica uma rápida metamorfose dos sentimentos do narrador. As rimas cruzadas remetem, primeiramente, ao encontro, e as rimas abraçadas ao nascimento do amor, este último realçado com um magnífico oxímoro: “je rougis, je pâlis”/ “fiquei vermelho, empalideci” (v. 7).

b) Organização rigorosa das estrofes

Respeitando as regras clássicas, as duas quadras, consagradas ao arco-íris, são seguidas de dois tercetos mais curtos, o que acelera o ritmo da ação. O amor nascente torna-se um amor impossível, sublinhado pelo advérbio de oposição “mais” / “mas” (v. 9). Charles de Vion prova uma “triste mudança” reforçada pelo campo léxico das “douleurs” / “dores” (v. 7), pois a filha amada, diz ele, não sem um certo amargor, é “ingrate” / “ingrata” (v. 11): ela não reconhece seus sacrifícios amorosos.

c) Um ritmo particular

No nível dos alexandrinos, os cortes regulares nos hemistíquios ocasionam um ritmo contrastado, que sublinha os “pelurs” / “choros” repetidos do poeta

(v. 1 e v. 8). O amor é, constantemente, renovado, tomando formas diferentes (“Je prends en un instant cent diverses couleurs” / “Tomo, em um instante, cem cores diferentes”): de uma forma preciosa, o amor é comparado a um arco-íris colorido e cintilante com fugacidade.

II. Uma estética particularmente barroca

a) Uma bela declaração de amor

O motivo do arco-íris é bem típico da estética barroca. Pelos seus jogos de luz, simboliza a beleza espelhante (com, evidentemente, a hipérbole repetida “cent couleurs” / “cem cores” v. 2 e v. 7) e a riqueza opulenta (“regorgeant” / “regurgitando” v. 1 e “regorger” / “regurgitar” v. 8), sinais de um amor sem comparação e fonte de vida (“fertiles” / “férteis” v. 4). A rejeição ao hemistíquio de “j’aime” / “eu amo” (v. 10) insiste no amor fiel do poeta (“fidèlement” / “fielmente” v. 10). Devemos notar que a palavra “amour” / “amor” (v. 11) aparece, somente, no fim do primeiro terceto, manejando assim o suspense de uma declaração que não se quer dizer.

Contrariamente aos poemas de amor que comporá posteriormente um Pierre de Ronsard, a jovem moça não é, aqui, nomeada, pois Charles de Vion quer respeitar a honra de sua linhagem. Por isso ele emprega, repetidamente e com muitíssimo pudor e delicadeza, o pronome indefinido “elle” / “ela” (v. 12 e v. 14). Não existe, aliás, epítáfio no início do poema.

b) Um final trágico

Pintando o arco-íris que “fuit” / “foge” (v.14), “mise en abîme”¹ da moça, Vion

¹ “Cair no abismo” é um termo que foi empregado pela primeira vez pelo escritor francês André Gide, utilizado quando as

termina com uma tonalidade mais sombria que no início do poema, o que cria um efeito de contraste com ovente com os dois primeiros quartetos. Anne “s’en va” / “vai embora” (v. 14), deixando Charles só e abandonado, apesar de sua homenagem à beleza fulgurante de sua bem-amada.

Apesar de sua decepção, Charles de Vion celebra, ainda, a alegria pura e ingênua da moça que “rit” / “ri” (v. 12), mas sem nenhuma malícia, das desgraças do poeta (“tant s’en faut” é uma antiga expressão que significa “sem dar-se conta”). A moça permanece casta e inocente pois, como a deusa Diana que fugia de Acteão, ela quer conservar sua candura, sua pureza virginal (“elle fuit et s’en va” / “ela foge e vai embora” v. 14). Apesar de seu desespero, Vion nunca deixará de amar essa moça, como os poetas românticos e seus amores contrariados, segundo testemunho do último termo otimista que, em último desdém ao destino trágico, fecha o soneto como um facho de luz: “éclairer” / “clarear” (v. 14). Assim, o poeta é capaz de levantar-se e não se desesperar por causa do amor.

Conclusão

Em quatorze versos de uma grande beleza formal, entre o barroco desgrenhado e o romantismo decepcionado, depressão e euforia, Charles de Vion nos oferece, assim, uma viagem vertiginosa através do céu e nos transportes amorosos de seu coração e nos passa uma mensagem otimista. Se o arco do poeta não soube atingir o coração de Anne de Beaunais, ele dispara sua mais bela flecha,

narrativas aparecem encaixadas, ou seja, narrativas que contêm outras narrativas dentro de si.

provando que o amor, mesmo decepcionado, pode continuar eterno.

Em seguida, inscrevi-me como autor, com o nome de Lucas Ciarlatano (isso não se inventa), em dois sites propondo trabalhos corrigidos de comentários e dissertações pagas (Oodoc.com e Oboulo.com). Existem muitos outros. A partir disso, enviei meu comentário a esses dois sites, cujos comitês de leitura validaram, sem pestanejar, meu lamentável comentário, sendo o objetivo deles muito menos o de uma difusão humanista do saber do que puramente mercantil. Aliás, nenhum dos dois se deu o trabalho de verificar se o texto estava protegido pelos direitos de autores e publicaram exatamente a mesma cópia, colocando em linha, gratuitamente, a introdução, o plano dos excertos importantes, e o resto posto à venda por alguns euros.

4º passo: postei em vários sites, os links que levam às diferentes páginas (Wikipédia, fóruns, sites de trabalhos corrigidos) a fim de melhorar a indexação no Google antes do início das aulas, em setembro.

5º passo: no início das aulas, acolhi minhas duas turmas de segundo ano do segundo grau dando-lhes duas semanas para comentar esse poema, em casa, e indicando-lhes a metodologia a ser seguida. Deixei bem claro que deveriam fornecer um trabalho exclusivamente pessoal. Uma de minhas alunas veio pedir desculpas : como estava se mudando, não tinha acesso à internet. Contentei-me em sorrir.

Passadas as duas semanas, recolhi os comentários e, graças aos diferentes marcadores que eu tinha meticulosamente distribuído pela web, pude facilmente recensar quais sites tinham sido visitados por quais alunos e

copiados em qual proporção. A título de exemplo de marcadores, a biografia do autor na Wikipédia evocava “Srta. De Beaunais”, mas o comentário de texto em Oboulo e Oodoc era mais preciso falando de “Anne de Beaunais”.

Esta mulher amada, sem retorno, pelo poeta é, evidentemente, um personagem completamente imaginário (*Anne de Beaunais = Bonnet d’âne / Chapéu de burro*)...

Ora, ora, mais um aluno que vê nesse texto um “macrocosmo ontológico”...



LAVIEMODERNE.NET

Pegos pela armadilha

De 65 alunos do segundo ano, 51 – ou seja, mais de três quartos – recopiaram, em vários graus, o que encontraram na internet, sem recortar ou verificar as informações ou, ainda, refletir um pouco nos elementos de análises encontrados, acreditando no acaso da net. Lembrem-se que para esse trabalho, eles não tinham nenhuma pesquisa a ser feita : o comentário de texto é um exercício de reflexão pessoal.

O erro mais venial foi de utilizarem, sem discernimento, as informações da Wikipédia: nada indicava, de fato, que o

poema tinha sido composto em referência à Srta. de Beaunais. O atalho foi abusivo e infundado, como o teria mostrado uma pesquisa mais aprofundada: era uma simples falta de rigor com relação às fontes históricas.

Os erros mais graves eram, por outro lado, os de interpretação, até mesmo de compreensão literal do poema: expressões, frases e mesmo parágrafos inteiros foram copiados da net, às vezes com as mesmas palavras, traindo uma incompreensão tanto do poema como da metodologia do comentário de texto.

Entreguei os trabalhos corrigidos, mas não atribuí notas, evidentemente – o objetivo não era de puni-los –, fui revelando progressivamente aos alunos de qual embuste tinham sido vítimas. Foi um grande momento: após alguns instantes de estupor e de incompreensão, eles riram e aplaudiram com vontade.

Porém, em seguida, ficaram vermelhos quando entreguei-lhes os trabalhos comentados individualmente...

Moral da história

Recomenda-se aos professores que iniciem seus alunos aos NTICs (Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação).

Acredito que fiz meu trabalho e que a conclusão impõe-se por ela mesma: os alunos, no segundo grau, não têm maturidade necessária para devidamente aproveitarem o que é digital com relação às letras. Sua servidão diante da internet vai, até mesmo, contra a autonomia de pensamento e a cultura pessoal que a escola supõe dar. Na intenção de introduzir a inclusão digital na escola, esquece-se que ela já entrou, há muito tempo e que, de maneira selvagem, cava a tumba da escola republicana.

Com essa experiência pedagógica, eu quis mostrar aos alunos que os

professores podem, às vezes, conhecer as novas tecnologias tão bem quanto eles ou, até mesmo, melhor.

Em seguida, quis sublinhar que todo conteúdo publicado na web não é, necessariamente, um conteúdo válido, ou que pode ser validado por razões que revelam impostura intelectual.

Finalmente, quis provar aos alunos que, tanto quanto a preguiça, é a falta de confiança em si próprio que os leva a copiar o que encontram fora deles e que, endossando o pensamento dos outros, são levados a deixar de existir por si mesmos e a desaparecer.

Missão cumprida? Meus alunos é que devem responder. Mas uma coisa é certa: Essa experiência, penso eu, marcou meus alunos e me deu, hoje, uma ótima reputação onde leciono.

No que me diz respeito, não acredito, absolutamente, em uma moralização possível da inclusão digital na escola.

E defendo este paradoxo: só aproveitamos, verdadeiramente, da inclusão digital quando formamos nosso espírito sem ela.

Edito de 23 de março: Oboulo.com e Oodoc.com retiraram meu trabalho corrigido do site.